



Hugo Calderano em São Caetano do Sul, onde treina para torneio em maio. Karime Xavier/Folhapress

Sonho de medalha olímpica de Calderano passa pela China

Popular no país asiático, brasileiro quer disputar liga local para se aprimorar e subir no pódio em Paris-2024

Alex Sabino

SÃO CAETANO DO SUL. Número três do mundo e maior mesa-tenista da história do Brasil, Hugo Calderano, 25, acredita ser mais popular na China do que na sua terra natal. No Weibo, rede social chinesa, Calderano tem mais de 100 mil seguidores locais. No Instagram, são 180 mil.

"Mas aí é gente do mundo todo. No Weibo, não", explica. A intenção do brasileiro é estreitar este contato porque por ali passa o seu caminho para a inédita medalha olímpica em Paris-2024. Seu plano é, no futuro próximo, jogar a liga chinesa. Por conta própria, começou a estudar mandarim. Não está fluente, mas consegue se comunicar bem.

"Sempre que vou à China, a galera é bem fanática. Há muitos jogadores estrangeiros que quando vão não conseguem ganhar muitos jogos, mesmo de chineses não conhecidos no cenário internacional. O nível é muito alto e dá para aprender bastante, principalmente com os melhores."

Os principais alvos são Fan Zhendong e Ma Long, números 1 e 2, respectivamente, do ranking mundial. Os dois têm dominado as competições internacionais. Nos Jogos de Tóquio, Long foi ouro e Zhendong, prata. A China conquistou todas as primeiras colocações das modalidades, menos nas duplas mistas. Ficou em segundo.

O plano de Calderano não é novo, mas a pandemia da Co-

vid atrapalhou tudo. Ele também estava perto de chegar à final da Champions League, o mais importante torneio de clubes no tênis de mesa, mas a Guerra da Ucrânia impediu.

O brasileiro era atleta da Fakel Orenburg, equipe russa patrocinada pela Gazprom, a estatal de energia do país. Estavam na semifinal e ganharam o primeiro jogo por 3 a 1. Foi quando a Rússia invadiu a Ucrânia. O time foi retirado da competição e Calderano rescindiu contrato. Está sem clube agora, mas, reconhece, para o número três do mundo não faltam propostas.

Calderano mora há oito anos na Alemanha e o tempo fora do Brasil o ajudou a tornar-se um atleta diferente dos demais. Tem grande interesse em línguas (fala cinco de forma fluente: português, inglês, espanhol, alemão e francês e se comunica bem em italiano e mandarim) e gostava de brincar com cubo mágico como forma de lhe dar rapidez nas mãos, além da diversão.

Ele volta à Europa no final de maio. Até lá, fica no Brasil, aonde geralmente vem apenas de férias. Não neste ano. Está em período de treinos em São Caetano do Sul (ABC Paulista), ao lado de outros atletas da equipe nacional e da França, contra quem vai disputar torneio no Rio de Janeiro, no início do próximo mês.

É observado por adolescentes que também praticam o tênis de mesa em ti-

mes do município. Carioca, ele se mudou para São Caetano aos 14 anos, acompanhado pelo avô, para se dedicar de verdade ao esporte que até então era só um hobby.

Mesmo com uma longa carreira pela frente ainda, uma das preocupações de Calderano é que legado pode deixar na modalidade. Porque o Brasil nunca teve um atleta tão relevante quanto ele e em posição tão alta no ranking.

Fora os dois Jogos nos quais participou. Em 2016, parou nas oitavas de final. Em Tóquio, uma das imagens mais fortes da delegação brasileira foi a das lágrimas de Calderano após perder de virada para o alemão Dimitrij Ovtcharov, nas quartas.

Depois disso, ele obteve o melhor resultado da carreira. Em setembro do ano passado, ganhou a etapa de Doha do circuito mundial, feito inédito no esporte nacional, e chegou à terceira posição do ranking.

"Falando de forma realista, o Fan Zhendong está muito acima. Acho que os dois [Zhen-dong e Ma Long] estão muito acima de todo mundo. Acredito 100% que posso ganhar deles em um jogo, talvez nos Jogos Olímpicos ou no Mundial, mas ter a regularidade que eles têm é outra história."

O próprio Hugo Calderano, porém, ensia um sorriso com a resposta. Pois para ganhar a medalha olímpica, uma vitória pode bastar.

"Eu não coloco limites para mim mesmo. Ecoloco que posso chegar lá. Treino para isso."

Um esporte diabólico

'O basquete é um esporte criado por Deus e administrado pelo diabo', disse Armando Nogueira

Juca Kfour

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Mestre Armando Nogueira disse que o basquete foi criado por Deus e administrado pelo diabo.

O começo das séries decisivas da NBA confirma.

Com cestas impossíveis de três pontos, com erros inimagináveis, com enterradas astustadoras, com reviravoltas de matar do coração, com assistências geniais.

É para ficar tresnoitado. As noitadas começam ali pelas 20h30 e terminam quatro horas depois.

"Dormir é para os fracos", brada Everaldo Marques no SporTV e depois de um "Bum bum shakalaka" para festejar uma enterrada como faz Rômulo Mendonça, na ESPN, é mesmo impossível pegar no sono. No desfile de astros tem de tudo.

A garra contagiante de Draymond Green, a versão em preto do branco Vitor Birner, que não comenta basquete, mas se gaba de ser craque, embora nunca ninguém tenha visto uma cesta dele; a impressionante simbiose dos Splash Brothers (Irmãos do Chuá, a bola que não bate no aro, só faz o barulho na rede) Stephen Curry e Klay Thompson; o aluno de Curry, Jordan Poole, 22, no caminho de superar o professor que é o maior arremessador de três da história, pa-

ra ficar só em quatro dos craques do Golden State Warriors, time do insone colunista.

Porque quando não tem nem na SporTV e nem na ESPN, tem a alternativa do aplicativo da própria NBA, com narradores também de primeira, como Marcelo Gomes, ou de emissoras americanas, espanholas ou coreanas.

A única queixa é que com frequência conversa-se tanto por aqui que a narração passa ao largo de momentos decisivos — e diga-se que a maioria dos comentaristas, ex-jogadores ou jornalistas, são muito bons.

Basquete mata, como matou o presidente do Flamengo Gilberto Cardoso, infartado em seguida à cesta vitoriosa em jogo da decisão do Campeonato Carioca de 1955, contra o Sírio Libanês.

Basquete faz marido acordar a mulher no hotel em Paris, alta madrugada, quase de manhã, para contar a façanha de Michael Jordan, na decisão da NBA de 1998, contra o Utah Jazz.

Então, o Pelé do basquete virou sozinho jogo que parecia perdido e deu o título ao Chicago Bulls, ao roubar bola na defesa e fazer os dois pontos do título a 5 segundos do fim.

O marido em questão cobria a Copa do Mundo de fu-

tebol na França, viu o jogo sozinho no saguão do hotel onde esta Folha montou sua redação, e tinha de contar para alguém que acabava de ver...

Esse mesmo cidadão, 30 anos antes, aos 18, pelo time principal do Clube Atlético Paulistano, havia jogado, quer dizer, entrado na quadra para ver de dentro dela o timaço do Corinthians, de Amaury Passos, Renê, Rosa Branca, Ubiratã e Wlamir Marques, no ginásio do Jardim América, em partida que terminou 135 a 60 (ou algo parecido) e significou sua despedida, porque convenciado de que aqueles astros jogavam um jogo que não era o dele.

De fato, o quinteto alvinegro inteiro teria lugar na NBA que apenas na quinta-feira (21) viu o Memphis Grizzlies virar, no último quarto, para 104 a 95 um jogo em que perdia por 26 pontos, na casa do Minnesota Timberwolves. Como viu, mesmo sem o esloveno Luka Donic, o Dallas Mavericks, vencer, como visitante, o Utah Jazz, por 126 e 118.

Além, é claro, da vitória dos Warriors, 118 a 113, sobre o Denver Nuggets, apesar dos 37 pontos do sérvio Nikola Jokic, porque Poole e Curry marcaram 27 cada um e Thompson 26.

É de viver!

Entre o corpo e a alma

Depois de ver o Liverpool, o City e também o duelo Flamengo x Palmeiras, passei a gostar mais de futebol

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

No meio de semana, passei a gostar um pouco mais de futebol, ao ver três ótimas partidas: a goleada do Liverpool por 4 a 0 sobre o rival Manchester United, a vitória por 3 a 0 do Manchester City sobre o Brighton e o empate em 0 a 0 entre Flamengo e Palmeiras.

Nesse empate, o Flamengo teve mais a bola, mas cada equipe teve três chances claras de gol, como informou, durante a transmissão, o narrador Gustavo Villani, da TV Globo. Mais importante que a posse de bola e o número de finalizações, mesmo no alvo, é o número de chances de gol, embora não seja uma informação exata, pois pode haver opiniões diferentes sobre o que é uma chance clara de gol. Uma equipe pode finalizar demais e não criar nenhuma oportunidade de gol, e também o contrário, ter inúmeras chances, sem finalizar.

Flamengo e Palmeiras jogaram melhor no primeiro do que no segundo tempo, por causa do cansaço decorrente da maneira de jogar, pressionando, e da falta de rotina de adotar essa marcação. O ser humano é um animal racional, que pensa e que vive de hábitos. É necessário treiná-lo e repeti-lo.

No mesmo dia, o Liverpool deu um baile no Manchester United. Thiago Alcântara deu, novamente, uma aula de passes precisos, bonitos e cheios de efeitos especiais. A fantasia pode caminhar junto com a eficiência. Não tem de ser uma coisa ou outra. Thiago foi aplaudido de pé, quando foi substituído, minutos antes de terminar o jogo, e ainda recebeu um fortíssimo abraço do técnico Klopp.

Mas o melhor do jogo, como já escrevi o mestre Juca Kfour, com técnica jornalística e com ternura, foi ver toda a torcida do Liverpool cantar "You'll Never Walk Alone", aos sete minutos de jogo, em solidariedade a Cristiano Ronaldo (CR7), por causa da perda, no parto, de um dos filhos gêmeos. Em Anfield, a emoção e a razão caminham juntas.

No dia seguinte, o Manchester City deu um show de futebol coletivo, com passes de pé em pé, desde a defesa, na vitória sobre o Brighton, por 3 a 0, e voltou à liderança do Campeonato Inglês, um ponto à frente do Liverpool.

Outro meio-campista, De Bruyne, mais completo que Thiago Alcântara, foi novamente o destaque. Ele une o melhor de um meio-campista com o melhor de um meia-atacante.

Futebol tem evoluído. Há mais ou menos 15 anos, o Bar-

celona, comandado por Guardiola, revolucionou a maneira de jogar, com marcação por pressão e com troca de passes, características que se espalharam pelo mundo. Porém, cada país, cada técnico, cada time e cada jogador tem suas particularidades. Cada um faz de seu jeito.

O futebol brasileiro também tem melhorado, no individual e no coletivo, com a ajuda de novos treinadores, brasileiros e estrangeiros, mas, na média, ainda continua com muitas deficiências. Uma das razões da grande queda, durante décadas, foi a supervalorização dos lances individuais, dos artilheiros e dos dribladores e de um esquecimento do jogo coletivo e dos meio-campistas, representantes do passe e do domínio da bola e do jogo. O passe e o drible caminham juntos. Os heróis não são apenas os que empurram a bola para dentro do gol. A adoração pelo individual tem a ver com a desmedida ambição da sociedade brasileira.

Um dos dilemas do futebol é saber, nos grandes momentos, o que é mais importante, a técnica e os movimentos corporais ou a lucidez, a criatividade e a emoção. As habilidades caminham juntas, como o corpo e a alma. Um não vive sem o outro.



PALMEIRAS DOMINA CORINTHIANS E VENDE PRIMEIRA NO BRASILEIRO
O time alverde foi superior ao rival durante todo o jogo e fez 3 a 0 no clássico, neste sábado (23), na Arena Barueri; gols de Gustavo Gómez, Rony e Dudu. Vinicius Nunes/Agência F8/Folhapress